

HAITI, ANO ZERO

Erros repetidos não podem ser acobertados pelos escombros

publicado na Folha de São Paulo de 24 de janeiro de 2010, p. A17

Nós, acadêmicos e intelectuais haitianos, revirando ainda os escombros de nossas casas e vidas destruídas, esperamos ser ouvidos por cima dos clamores de comentaristas e autoridades. Isso é tanto mais importante porque o futuro do Haiti se decide agora. Queremos apresentar aqui uma avaliação franca dos problemas que o Haiti enfrenta e oferecer uma nova maneira de pensar a respeito da reconstrução da capital, Port-au-Prince, e do estado haitiano.

As perdas humanas e os danos materiais são extremamente pesados, tanto pela dimensão do tremor como pela surpresa com que foi vivido. Mas essa catástrofe foi anunciada. Vários cientistas haviam advertido quanto ao risco iminente de um terremoto na área da capital, possivelmente de magnitude 7.2, e propuseram medidas simples e não tão caras para preparar a população (como foi publicado no jornal *Le Matin* de 25/09/08). As autoridades ignoraram completamente esses alertas. Nenhuma criança haitiana foi ensinada a buscar proteção sob um móvel ou sob o umbral das portas. O desastre deixou as autoridades completamente sem reação. As iniciativas mais importantes para a prevenção de riscos e resposta a emergências, financiadas pela cooperação internacional nos últimos anos, não tiveram qualquer eficácia no longo prazo. Os bilhões de dólares gastos nos últimos 15 anos em infra-estrutura geraram resultados pífios.

Para além das reflexões sobre a inevitabilidade dos desastres naturais, para além de todos os chamados à generosidade, devemos tirar conclusões a partir da resposta às catástrofes de 2004 e 2008 no Haiti e dos 600 milhões de dólares que custa a cada ano a presença das Nações Unidas. De outro modo, a ajuda será novamente engolida por um gigantesco buraco negro de inércia, corrupção e incompetência. Reciclar os mesmos projetos, com as mesmas ideias e os mesmos métodos, é uma receita para o fracasso. Ajuda mal planejada e mal implementada não produzirá os resultados esperados pela generosidade dos estrangeiros e pela boa vontade dos haitianos.

O que restava do estado haitiano ruiu junto com a capital. O colapso do palácio presidencial, da Assembleia Nacional e da maioria dos ministérios, onde perdemos amigos, parentes e muitas das pessoas mais qualificadas para lidar com a situação atual, servem como uma metáfora bem adequada. A destruição do estado haitiano, iniciada há 50 anos, foi completada. Devemos estar cientes dessa realidade se queremos seguir adiante.

A população reconheceu a total incapacidade das autoridades para oferecer qualquer tipo de resposta à perturbação no país ou para coordenar os esforços internacionais. Um presidente abalado, desconexo, imóvel mostrou-se incapaz de se dirigir a seu povo, a não ser para dizer que também ele estava desabrigado. Na verdade, a única personalidade política a falar publicamente e abordar a situação foi o presidente americano Barack Obama, menos de 24 horas depois da catástrofe. Nenhum de nós, como a maioria dos haitianos, chegou a se surpreender com a completa ausência de um estado há muito morto. Nessas condições, ninguém deveria fingir que instituições nacionais tenham sobrevivido à catástrofe e sejam capazes de operar. Tememos inclusive que autoridades haitianas utilizarão o desastre como uma oportunidade para permanecer no poder após o fim de seus mandatos em dezembro, defendendo a unidade nacional, a continuidade e a assim dita “estabilidade política”.

Sem dúvida, o primeiro passo é a criação de uma estrutura centralizada, similar a um centro de comando, que deveria ser composta por haitianos investidos da mais alta autoridade e seus aliados mais sólidos, os países mais comprometidos e engajados. Mais importante, deveria ser inteiramente integrado, e em hipótese alguma constituído por duas alas como normalmente é o caso no Haiti: estrangeiros com seus projetos, de um lado, e ministros despreparados do outro. Foi-se o tempo em que governos estrangeiros podiam se esconder por trás das Nações Unidas ou dizer: “aqui está o dinheiro e assim fizemos a nossa parte”.

Nos últimos seis anos, os arranjos estabelecidos entre um estado falido e as desorientadas Nações Unidas e outras organizações multilaterais produziram um fracasso retumbante. Enquanto estas ofereciam os fundos de ajuda, aquelas legitimavam-nas e implementavam-nos, com resultados, na melhor das hipóteses, inexpressivos. À frente dessa nova estrutura de comando e coordenação, somente poderiam estar os americanos ou franceses, uma vez que a liderança dos esforços multilaterais por países caribenhos ou latino-americanos nos últimos 15 anos simplesmente não funcionou, multiplicando-se os subentendidos, os mal-entendidos e os preconcebimentos culturais. Apenas grandes potências tem a vontade, a visão e os meios para responder no longo prazo pelos compromissos assumidos. Este país não tem condições de servir outra vez como tubo de ensaio para ambições de potências regionais, cujo papel nos últimos anos tem sido, na melhor das hipóteses, supérfluo. Erros repetidos não podem ser acobertados pelos escombros. A responsabilidade jamais assumida por resultados jamais alcançados não deve desaparecer numa vala comum. O público internacional deve saber que, se o presidente haitiano está desacreditado aos olhos de seu povo, o mesmo acontece com as Nações Unidas. Se elas pretendem desempenhar um papel, qualquer que seja, devem fazê-lo sob o comando desse órgão central. A partir daí, deveríamos focar o planejamento fundiário, a infra-estrutura e a educação, conformando um modelo de planejamento nacional. Qualquer coisa aquém disso fará com que, ainda outra vez daqui a dez anos, todos se perguntarão onde foram parar os bilhões investidos. Qualquer coisa aquém disso fará com que sequer um grau mínimo de confiança mútua possa ser restabelecido. E enquanto a confiança se esvai e o povo haitiano se desespera, como as imagens de televisão passaram a mostrar nos últimos dias, só nos restará contar com a boa vontade de nossos amigos da República Dominicana, do Brasil, do México e, continuando todos a falhar, de Deus.

Michèle Oriol, socióloga, professora de sociologia da Universidade de Estado do Haiti

Daniel Supplice, historiador, professor de história da Universidade de Estado do Haiti

Michel Soukar, historiador

Eric Balthazar, sociólogo

com Jean-Philippe Belleau, antropólogo, Universidade Harvard